

Um estudo da representação da primeira geração de feministas na ficção audiovisual em tempos de empoderamento feminino coletivo.

Nathalia Gomes Prado Silva¹

Resumo

Este artigo propõe uma análise histórica e comparativa sobre o papel do gênero feminino e a sua trajetória na sociedade, apresentando uma discussão acerca do movimento feminista juntamente com todas as suas questões políticas e sociais. Utilizando como base o ambiente atual de coletividade e o advento das mídias sociais, tentamos compreender as transformações de uma cultura machista e discriminatória, que inferiorizou as mulheres e prejudicou as suas relações sociais por séculos. É utilizado como ferramenta de estudo a desconstrução de duas séries ficcionais, *Juana Inês*, ambientada no século XVII e *Las Chicas Del Cable*, ambientada no século XX, que têm como pauta a luta feminina e suas diversas manifestações, nos permitindo um maior entendimento sobre a feminilidade e as diferenças comportamentais de épocas distintas, com a finalidade de compreender como a coletividade reproduziu no corpo social uma forma de desconstrução de valores e paradigmas, e como a comunicação e a informação foi importante para o empoderamento feminino no âmbito público e privado, colaborando para a causa feminista e para o surgimento de novos grupos e novas pautas coletivas.

Palavras-chave: comunicação; narrativa; ficção audiovisual; representações; empoderamento feminino.

Introdução

O presente artigo surgiu do interesse de analisar e aprofundar questões do movimento feminista e a estruturação social das mulheres por meio do estudo de duas séries ficcionais produzidas para plataforma de *streaming* de vídeo, *Juana Inês* e *Las Chicas Del Cable*, que colocam em pauta a evolução histórica do movimento e a desconstrução dos estereótipos acerca de suas vidas individuais e coletivas. Muito se tem discutido, atualmente, sobre grupos de empoderamento coletivo e como isso está mudando o pensamento feminino e a sua militância diante das normas físicas e sociais empregadas a elas, questões que há alguns anos eram discutidas com bem menor

¹ Graduanda em Publicidade e Propaganda pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). E-mail: nathaliagoomes55@gmail.com.

visibilidade. Compreendemos que a análise das duas séries permite um maior entendimento sobre a feminilidade e suas ações comportamentais, pois as duas narrativas constituem assuntos semelhantes sobre empoderamento, sororidade e feminismo. A desconstrução das cenas nas ficções audiovisuais em questão nos concede observar e diferenciar as relações femininas do século XVII (representadas na série *Juana Inês*) até a contemporaneidade (representadas na série *Las Chicas Del Cable*), podendo estudar suas atitudes ativistas e confirmar nossa hipótese de que o engajamento com as mídias atuais favorecem a coletividade.

Assim, cabe a esta pesquisa alcançar uma melhor compreensão do empoderamento e da força que hoje são formadas por grupos e coletivos, trazendo grandes representações para as mulheres em seu âmbito cultural e midiático. A partir do estudo das representações (antigas e novas) colocadas em circulação nas séries que são nossos objetos empíricos, nosso objetivo geral é estudar o comportamento social do gênero feminino, analisando os processos que resultaram no desenvolvimento dessas mulheres e analisar, também, como as mídias sociais contribuíram para que elas se unissem, rompessem estereótipos, compartilhando ideias e informações e lutassem ativamente pela causa feminista. São analisados os elementos subjetivos, a história e a linguagem das mulheres nas narrativas audiovisuais e como abordam o assunto, criando uma ponte entre as gerações passadas e a atual atitude feminista. Em termos metodológicos, após a abordagem teórica em cima das reflexões acerca do feminismo, conseguimos, mediante a análise do material das séries e cruzando com o contexto da realidade sociocultural atual, traçar considerações finais sobre a situação da causa feminista hoje e a contribuição do coletivo para ela nos dias atuais.

Uma contextualização histórica sobre a mulher

Resgatando uma contextualização geral sobre a história da mulher na sociedade, sabe-se que no começo da existência humana ela era vista com mais igualdade diante dos homens, e que ao longo do surgimento das civilizações e da vida urbana os valores

construídos mediante ao corpo da mulher tornaram-nos desfavorecidos e inferiores. Depois disso, durante séculos, o gênero feminino luta para construir a sua autonomia e buscar o seu lugar perante a estruturação de uma sociedade desigual e preconceituosa. Como declara Dowling (2001):

Há cem anos, a mulher foi empurrada para trás de uma maneira muito curiosa. No exato momento em que começava a exigir educação e poder político e econômico, foi despojada do poder de seu corpo. No mesmo instante em que começava a formular ideias sobre luta por justiça, exigiu-se dela, com todo poder de persuasão de um movimento moral, que cultivasse a fragilidade. (DOWLING, 2001, p. 23).

As mulheres, ainda nos primórdios de sua existência, eram pessoas consideradas mais fortes e ativas, ajudavam na caça, junto a seus companheiros, sem depender da força do homem em batalhas e na busca por seu alimento. Ao longo dos anos, descobriu-se que a mulher era encorajada a desenvolver suas habilidades e força física por meio de atividades esportivas. Com o advento da sociedade moderna, elas trabalhavam para ajudar as suas famílias sem nenhuma restrição de poder e superioridade – tal qual vemos mais adiante no percurso histórico da sociedade ocidental em que homens, Estado ou demais instituições impõem limites às atuações femininas –, sendo consideradas pessoas “sagradas” nas tribos e nas comunidades. Entretanto, todo esse cenário sofreu mudanças com a instalação do Estado, a chegada da Igreja Católica e da medicina.

Os homens, percebendo que as mulheres estavam conquistando um lugar superior ao deles, começaram a proibir a participação delas em todos os lugares, como nos esportes, na política, na economia, nas universidades, nas escolhas de sua própria vida e de seu corpo, impondo a elas restrições em todo seu âmbito cultural, criando estereótipos que condicionaram suas vidas por séculos. A participação dos médicos e de seus familiares foi muito importante para fazer com que a mulher acreditasse em sua inferioridade. As palavras e os discursos que eram dirigidos a elas trouxeram consequências graves, influenciando seu estilo de vida, e formando a sua submissão perante a uma sociedade predominantemente masculina.

Foram induzidas a acreditar que, por causa de seus órgãos genitais, eram inferiores e incapazes, fracas diante da inteligência e do poder do homem e, por isso, deveriam lhes obedecer e submeter-se aos seus desejos. Seus médicos lhes diziam que por causa de sua menstruação – ou seu “problema feminino” –, eram frágeis e, para não adoecer, não poderiam perder seu tempo estudando, lendo e escrevendo. Deveriam, apenas, cultivar a beleza e a sensibilidade, valorizando o seu lar e seu poder de reprodução.

Durante séculos, a mulher viveu acorrentada a uma percepção de si mesma como criatura fraca e inapta. Essa percepção representou nada menos do que o equivalente emocional e cognitivo de ter todo o corpo agrilhado. O mito da fragilidade feminina foi cultivado de modo tão sistemático que poderia ser facilmente considerado como uma fraude. (DOWLING, 2001, p. 26).

A exclusão do gênero feminino na sociedade foi construída pouco depois da pré-história (onde ainda se falava de uma forma igualitária de gêneros), sendo substituído por uma sociedade denominada patriarcal, já no começo da Roma Antiga. Essa estruturação valorizava apenas o meio familiar paterno, ou seja, logo, o pai exercia uma grande autoridade política e moral diante de sua mulher e seus filhos. Sem questionamentos externos, conquistaram o direito de fazer o que quisessem com as mulheres de uma forma opressora e violenta. Segundo Marcuse (1975),

O desenvolvimento da dominação paterna para um sistema estatal cada vez mais poderoso, administrado pelo homem, é assim, uma continuação da repressão primordial, que tem como seu propósito a exclusão cada vez mais vasta da mulher. (MARCUSE, 1975, p. 74).

Percebendo os benefícios de exercer a dominação familiar, a estrutura patriarcal se enraizou no meio social e político até os dias atuais, trazendo consequências, como declara Dowling (2001, p. 71), de grande desigualdade social, onde os conceitos de feminilidade e masculinidade foram introduzidos e transformados em questões de hierarquia, em um sistema predominantemente masculino. Conceitos que são totalmente artificiais. A credibilidade e a força masculina limitaram drasticamente a vida da mulher que, dessa forma, “foi levada a acreditar que fragilidade era sua condição natural” (DOWLING, 2001, p. 23).

Conforme analisa Dowling em seu livro *Complexo de Cinderela* (1986), às mulheres, desde pequenas, são incentivadas a exercerem uma dependência obsessiva pelo homem, motivando atitudes futuras de incapacidade e insegurança para cuidar de si mesmas. Aprendem conjuntos de comportamentos apropriados para o papel de seu sexo, desejando sempre a proteção e a segurança de uma família estruturada e tradicional. A instabilidade emocional e afetiva prevalece de tal forma tão enraizada em suas vidas que são obrigadas a submeter-se aos estereótipos acerca de seu gênero.

Percebe-se que, nessa passagem histórica da mulher, a equidade feminina natural em relação ao homem foi se perdendo dentro da nova ordem social. Os homens faziam de tudo para impedir que a mulher parecesse fisicamente e intelectualmente tão capaz quanto ele era, impedindo-as de se destacar, repetindo por diversas vezes a sua incapacidade feminina. “Ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia” (BEAUVOIR, 1967, p. 22). Eram ensinadas, desde criança, a se comportarem: algumas foram proibidas de trabalhar e frequentar escolas e universidades, outras já eram submetidas à escravidão e à violência; sendo limitadas das informações sobre seu próprio corpo e, conseqüentemente, trazendo a ideia de hierarquia do sexo, a qual tornou-se tão enraizada na sociedade que as mulheres, por décadas, não tiveram autoridade e voz em suas escolhas – e ainda hoje temos resquícios mais restritivos e/ou punitivos à mulher.

O que era ser mulher no século XVII em *Juana Inês*

Através da análise da produção audiovisual *Juana Inês*, podemos observar os aspectos visuais e as ações das personagens compostas na série ficcional para, a partir disso, desconstruir e entender as cenas que se relacionam constantemente sobre o papel da mulher e seu posicionamento na sociedade do século XVII, ajudando a compreender como e quando as mulheres começaram se impor sobre os seus direitos e a desconstruir os pensamentos sobre o seu lugar no corpo social.

Essa produção ficcional reconta a história de Juana Inês de Asbaje – ou Sórora² Juana Inês de La Cruz –, que foi considerada uma das primeiras mulheres “feministas” da América. Nascida na Era Colonial, em 1651, quando o México era, portanto, colônia espanhola, Juana Inês era mulher, freira e lésbica, reconhecida como a mais inteligente e mais brilhante da época por lutar pelo seu direito de estudar e escrever. Poeta autodidata, questionou dogmas religiosos e as delimitações impostas ao gênero feminino na época. Ameaçada à fogueira, precisou lutar muito contra a sociedade patriarcal em que vivia, principalmente contra a inveja dos homens da corte espanhola e do Clero.

No século XVII, a sociedade era comandada pela Corte, mas suas ações vinham de grande influência da Igreja Católica e suas leis se baseavam em seus privilégios, como ocorre em uma das cenas no 1º episódio da série, em que o personagem intitulado Padre Antônio Núñez influenciava as ações do Rei para garantir o controle da Igreja Católica e certificar-se de que todos seguiriam as suas tradições. A maioria da população das comunidades era ignorante em relação à política e à estruturação social imposta, sendo submetidos à total proibição de ser e pensar. A propagação de certos livros e conhecimentos filosóficos era proibida naquela época e, caso alguém os tivesse, era queimado e punido pelo poder superior. No 2º episódio, Padre Antônio pede ao seu ajudante que busque e queime alguns livros “proibidos” do quarto de Juana Inês – pois era proibida de ir à biblioteca do Palácio –, alegando descumprimento das “leis” da Igreja e da Corte. Somente pessoas “permitidas” poderiam desfrutar da sabedoria dos escritos; e esses “permitidos” eram homens e integrantes do Clero, por exemplo. A grande declaração da Inquisição na época era a “salvação das almas”, sendo mais importante até que a busca pelo conhecimento em si. E todas essas proibições eram destinadas, principalmente, às mulheres.

As mulheres foram ensinadas que sua maior importância naquele momento era encontrar um marido e gerar um filho. Viviam em disputa para encontrar um bom homem

² Significa “irmã”, provém do latim “sorore(m)”, nome que dava-se às freiras de antigamente. Fonte: CIBERDUVIDAS. *Irmã*. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/soror/8612>>. Acesso em: 03 mar. 2018.

e, conseqüentemente, a inveja e a vaidade marcavam as suas relações. A própria Juana Inês foi expulsa de sua casa com o argumento de entrar na Corte, arranjar um bom marido, construir uma família e transformar-se, assim, em uma submissa, perdendo totalmente a autonomia de sua própria vida. As mulheres eram inferiorizadas constantemente pelos homens, pois para agradá-los precisavam se vestir sensualmente e apresentar-se de maneira formal e delicada. Vestuários que as deixavam desajeitadas e sem muitos movimentos físicos, tornando-as pequenas e gerando uma grande dificuldade de locomoção, como os vestidos longos e decotados.

Pode-se perceber que, em todos os episódios da série, as moças da Corte ali presentes utilizavam belas roupas, sempre demonstrando beleza e sensualidade para agradar não apenas ao marido, mas a todos os homens que as cercavam. Enxergava-se a mulher como um troféu a ser trocado facilmente entre os homens do Palácio; vistas como um objeto escravo e sexual. Essas mesmas mulheres não refletiam sobre o seu papel naquele momento. Todas foram ensinadas desde pequenas a se comportarem dessa forma. A percepção de si mesma em relação ao seu papel na sociedade era extremamente limitante, fazendo com que todas essas mulheres realmente achassem que serviam apenas para as funções designadas pelo gênero masculino. Como afirma Simone de Beauvoir (1967):

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. (BEAUVOIR, 1967, p. 21).

Juana Inês se diferenciou das normas da época por muitos fatores. Desde criança demonstrou grandes interesses pelos estudos e pela escrita. Tornou-se uma jovem muito inteligente, estudando por vontade própria clássicos gregos e romanos, teologia, ciência e língua indígena. Sonhava em frequentar a universidade, algo que naquela época era impossível às mulheres, visto que apenas homens de nomes honrados poderiam frequentá-las. Cogitou a hipótese de se vestir de forma masculina para conseguir assistir às aulas, tinha um grande espírito aventureiro e por isso gostava de aprender sempre

mais. Tal atitude incomodou a todas as pessoas que pensavam de forma tradicionalista, como sua família, seus amigos e seus conselheiros católicos. Sua sagacidade ajudou a esquivar-se das regras que regiam o casamento. Sem apoio por parte de sua família, decidiu conquistar o cargo de dama de companhia da vice-rainha da Nova Espanha, Leonor, já no 1º episódio.

Desde sua aparição no palácio, Juana Inês encantou a vice-rainha Leonor por seus versos e poemas escritos de modo independente. Contraditoriamente, naquele mesmo período, as mulheres não podiam ler, escrever e recitar poemas. A partir da concretização do cargo como dama de companhia da vice-rainha, Juana pede para que Padre Antônio se torne seu confessor oficial. Entretanto, sua escolha mudou totalmente a sua vida, pois, a partir daquele momento, começou a ser subjugada e invejada pelos homens ao seu redor, principalmente por seu próprio confessor.

Por diversas cenas podemos reparar na conspiração que o Padre declara contra Juana, mentindo para submetê-la as suas vontades, confiscando seus escritos e, conseqüentemente, deixando-a vulnerável. Seus diálogos a Juana transmitiam humilhação e convencimento de sua suposta incapacidade. Em uma das cenas do 1º episódio, o padre diz a ela, revirando-se para o outro lado, que não vale à pena olhá-la, mesmo com sua insistência, pois seu jeito “desobediente” a condenava ao inferno.

As declarações covardes de Padre Antônio Núñez por toda a narrativa demonstram a inveja e a vontade de dominação que ele tinha expressa em toda a sua suposta superioridade masculina, por perceber que ela, como mulher, poderia ser mais corajosa e inteligente que ele. Ainda no 1º episódio da série, padre Antônio conversa com seu superior sobre os pensamentos femininos, e declara que as mulheres não são tão racionais quanto eles, e seu maior prestígio na sociedade era apenas se calar e obedecer. Em um de seus discursos, declara: *“A mulher nasce ignorante para poder servir aos seus maridos, e isso é bom, pois assim eles podem servir-se delas.”*

Algumas mulheres da época, principalmente indígenas e negras, que já serviam aos senhores do Palácio, também eram castigadas por exercer a sua crença de cosmovisão e de utilizar recursos naturais para a cura e para atos religiosos. Ao

demonstrar inteligência e “poder” sobre a natureza, eram consideradas bruxas e sujeitas ao pecado. Por vezes sentenciadas à fogueira, também eram mutiladas e violentadas, e envergonhadas em praça pública por soldados. A naturalização em matar e violentar mulheres, ou seja, o feminicídio³ já era algo recorrente à época – ou também decorrente da época, do momento histórico.

Ao analisar esses acontecimentos, pode-se compreender como caminhava o pensamento em relação ao gênero feminino em 1650, época na qual os homens, já em vista da vivência da sociedade política patriarcal, sentiam-se melhores que as mulheres, subjugando suas capacidades. Principalmente pelo fato de que um homem – padre católico – com um grande poder de fala naquele momento histórico – onde a informação era totalmente limitada –, conseguia alienar facilmente um grande número de pessoas, apenas manifestando sua opinião. Por conseguinte, a mulher, feminina, no geral, não ousava afirmar-se como sujeito dentro dessa estruturação: consciente de suas supostas restrições, não lutava, apenas se calava.

Logo que se tornou dama de companhia, cogitou a ideia de ser tutora da filha da vice-rainha para poder ensinar-lhe tudo que sabia, além de conseguir permissão para estudar dentro do Palácio. Até então, apenas os homens poderiam ser tutores, visto que apenas eles frequentavam a Universidade. Juana desafiou a Corte e o Clero, impondo-se como melhor que os homens para efetuar a tarefa. No primeiro momento seu pedido foi negado por ser uma jovem mulher, mas Leonor, a vice-rainha, mesmo sabendo da sua incapacidade diante de seu marido, enfrentou-o para ajudar Juana. Inconformado com a atitude das duas mulheres, o vice-rei desafiou Juana a provar seus conhecimentos diante de quarenta homens formados. Caso não vencesse, deveria ser expulsa do Palácio. Riam ao pensar que seria fácil vencê-la, mas Juana, apenas estudando em casa, conseguiu ganhar de todos os homens ali presentes – somente com a sua inteligência e segurança –, passando a ser tutora da filha dos vice-reis.

³ Feminicídio é o assassinato de mulheres pela simples condição de ser mulher. Suas motivações são o ódio, o desprezo, o sentimento de ter uma mulher como propriedade e o pensamento de superioridade. Fonte: DOSSIÊ VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES. Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/violencia/violencias/feminicidio/>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

Juana Inês, exercia um desejo natural pelas letras, e seus poemas eram profundos e cheios de sentimentalismo. Gostava de escrever comédias teatrais e defendia o direito da mulher à educação, sempre muito próxima aos livros e à busca por conhecimento. No decorrer da série, não apenas Leonor, mas também o superintendente do palácio, Ignácio Lizarraga, apaixonou-se por ela e pelos seus versos. Após virar tutora da filha da vice-rainha, Juana começou a ser vítima de chantagem por parte dos religiosos. Não satisfeito com as conquistas de Juana Inês, Padre Antônio pesquisou sobre a vida da jovem e, de posse de informações privilegiadas, comunicou ao vice-rei e, por conseguinte, a todos do Palácio, que ela era apenas uma “bastarda”, ou seja, uma filha ilegítima. Desse modo, não poderia mais continuar vivendo no Palácio e perderia tudo aquilo que ela já havia conquistado. Uma questão a ser apontada na série era o preconceito que as mulheres sofriam quando se tornavam mães sem serem oficialmente casadas. Seus filhos eram chamados de ilegítimos ou bastardos. Esse pensamento criava um ciclo vicioso de exclusão. Tal pensamento ainda permanece enraizado em muitas comunidades nos dias atuais; ironicamente tornando o homem o principal fator da sustentação de um lar, sendo “o chefe da casa”, mas trazendo à mãe solo não apenas nomes pejorativos, mas a crença na incapacidade de agir em dois papéis.

No olhar da Igreja Católica, o pior pecado que Juana Inês cometeu foi o de sentir e expressar os seus desejos e a sua intelectualidade em uma sociedade extremamente machista e com um grande fundamentalismo religioso, como mesmo declarou na série: *“Meu único pecado é ser mulher, em um mundo de homens”*. Suas atitudes se opunham aos valores empregados na época. Com as descobertas de sua vida pessoal pela Inquisição e sua relação homoafetiva com a vice-rainha, Juana, mesmo sendo defensora do direito das mulheres, vivia um embate pessoal entre seu desejo de emancipação da ordem e sua devoção a Deus, ficando confusa com os seus próprios desejos. Era uma pessoa muito religiosa, e ao acreditar que era uma pecadora por suas vontades e a suas atitudes feministas e intelectuais – algo que lhe era falado constantemente –, decidiu virar freira para tentar purificar-se de quem realmente era mas, também, viu a oportunidade de conseguir estudar e evoluir intelectualmente de uma forma mais livre.

Acabou sendo enganada por seu conselheiro Padre Nuñez em sua primeira tentativa de ir para a clausura, com a promessa de poder escrever e estudar e com a esperança de ter uma vida melhor que a vida civil enfrentada pelas mulheres da época. Porém ao entrar, foi submetida a um ritual de exílio e submissão, sem poder ler ou estudar como queria. Por fim, acabou ficando doente como consequência de seu desgosto. Foi “salva” por Leonor, e acabou voltando ao Palácio. Ao pensar em suas relações homoafetivas, que para ela ainda era algo “anormal”, foi à procura de um outro convento, encontrando, por fim, o seu lar até o dia de sua morte. Nesse espaço, pode escrever suas peças e seus poemas românticos para a nova vice-rainha, Maria Luísa, e para o seu Deus; ler livros proibidos; e estudar diversos temas livremente. Mesmo isolada do mundo, ainda era perseguida pelos religiosos, que passavam pelo Palácio e por todos os escritores que tinham aversão à fama intelectual que ela obteve na comunidade (e no Mundo), principalmente por se tratar de uma fama totalmente feminina.

Até aqui, com a desconstrução de algumas cenas da série, pode-se perceber alguns fatores recorrentes sobre o gênero feminino. As mulheres da época deveriam exercer a obediência aos seus superiores, principalmente aos padres, para conseguir conquistar a espiritualidade (salvação da alma). Não eram incentivadas a utilizar a sua capacidade intelectual, pois o seu melhor prestígio era apenas servir à Igreja e aos homens de sua família. A mulher na época – para a Igreja Católica – era considerada a perversão dos homens, e por isso o sexismo foi propositalmente estruturado socialmente, para conseguir-se controlar e ter-se o poder sobre essas mulheres. Elas já não enxergavam a sua individualidade e não conseguiam se afirmar como tal. Como cita Dowling (2001, p. 19): “a fraqueza da mulher era o fundamento lógico racional da crença em sua inferioridade total – física, mental e emocional”. E todas essas questões eram utilizadas como argumento para inferiorizar uma mulher.

No século XVII a informação era algo muito restrito na sociedade, sendo um dos principais pontos a serem analisados na época em questão. A falta de comunicação e informação restringiu a vida de todos a uma ilusão conservadora e religiosa, visto que somente a Igreja tinha poder e permissão de propagar conhecimento. Conhecimentos

que poderiam facilmente ser manipulados para um bem maior e pela ordem, sabendo que ninguém questionaria uma tradição imposta pelo “poder divino”. Esse poder que os homens obtinham em suas mãos transformou radicalmente a vida da mulher. Para Beauvoir (1967, p. 32), “a religião católica, entre outras, exerce sobre elas a mais perturbadora das influências”, contribuindo para tornar a mulher um ser pacífico e obediente.

As diversas proibições implantadas pela sociedade patriarcal, sendo elas principalmente pela Igreja e pela Corte, desestimulavam as mulheres a lutar; não era possível enxergar uma mudança quando não se tinha apoio. Juana continuou lutando pelo seu direito de pensar, e propagou ideais que foram muito importantes para informar e estimular outras mulheres a refletirem sobre o seu papel na sociedade. O apoio a outra mulher não era visto como algo benéfico à época, pois a opressão e a implantação de ideias religiosas era algo mais forte que a força de um grupo. Ou, ainda, uma mulher não apoiava outra mulher – ou mesmo a condenava – justamente por receio de repressão. As mulheres que lutavam eram presas ou até mesmo mortas por expressarem os seus desejos ou por apenas ser do gênero feminino. Juana Inês não teve o apoio de sua família, nem do lugar em que estava, precisou se impor sozinha para conseguir dar visibilidade aos seus versos e pensamentos. Muitas mulheres desistiam no meio do caminho, por medo, ou por realmente acharem que nasceram para estar abaixo de um homem, e que a sua única função era a reprodução e o cuidado com o lar.

Mesmo com o passar dos séculos, é perceptível como as questões de gênero e sexualidade ainda continuam enraizadas na sociedade. Ainda que alguns fatores venham sendo desconstruídos ao longo do tempo, principalmente as relações femininas, para Dowling (2001, p. 38) “a mulher estava condenada para sempre à inferioridade”.

O feminismo do século XX em *Las Chicas Del Cable*

Com a análise da série *Las Chicas Del Cable*, pode-se constatar como a cultura da fragilidade em relação ao gênero feminino e a política extremamente relacionada à

dominação masculina ainda continuou enraizada na sociedade nos séculos seguintes. Ao estudar o comportamento das personagens na ficção, cria-se a possibilidade de uma análise ampla sobre diversos aspectos que percorrem as estruturas sociais até os dias atuais.

Las Chicas Del Cable, que em sua tradução simples significa *As Telefonistas*, é uma série espanhola que se passa no começo do século XX, uma época em que ainda não se falava em igualdade de gênero, e conta a história de cinco jovens mulheres que vivem vidas e origens sociais totalmente diferentes, mas que passam pelas mesmas dificuldades de opressão e inferiorização que o machismo introduziu naquela época. É uma narrativa que traz à tona os diversos problemas que as mulheres enfrentavam, os medos e inseguranças do gênero feminino e as diversas lutas que começaram a surgir ao longo do século.

Conforme já sinalizado, a história relata a vida de cinco mulheres que vieram de lugares totalmente diferentes para trabalhar como operadoras de telefone em uma empresa que estava transformando as telecomunicações de Madri entre os anos de 1920 e 1930. Cada personagem traz uma história pessoal de luta e superação. Alba, que se transformou em Lúdia Aguilar ao longo da série, sofreu muito na infância. Tendo um passado sombrio e cheio de segredos, sua vida é a menos tradicional entre as mulheres, pois arrisca-se frequentemente para ganhar dinheiro. Carlota é uma mulher determinada, considerada uma rebelde por suas atitudes, tenta se desprender de sua família, principalmente de seu pai, um militar muito controlador, abusivo e machista, que constantemente tenta afastá-la dos desejos pelas lutas femininas e do seu trabalho. Angeles é uma mulher e mãe muito batalhadora; mesmo trabalhando em uma grande empresa, não consegue conquistar a sua independência por viver em um relacionamento abusivo, sendo maltratada e violentada física e psicologicamente pelo companheiro. A história dela nos possibilita entender as diversas maneiras de violência doméstica que uma mulher pode sofrer e demonstra como as leis da época ajudavam apenas ao marido em muitas situações. Marga, uma mulher que vivia com a sua avó no interior, veio a Madri a procura de um emprego, e conquistou, também, o rompimento de sua timidez,

perdendo o medo de se posicionar na frente de outras pessoas. Por fim, Sara, uma mulher que está descobrindo o seu verdadeiro gênero e expondo os seus desejos aos poucos; sofre muito pelo preconceito de uma sociedade que ainda não tinha informações suficientes para lidar com a homossexualidade, mas que descobre dentro de um grupo, o apoio que precisava.

Após a era da Inquisição, o papel da mulher aos poucos foi sofrendo muitas mudanças. Se naquela época a luta por igualdade de gêneros era quase inexistente, agora com as diversas discussões dos ideais iluministas e, mais pra frente, na modernidade, com a virada da Revolução Industrial, houve uma transformação extremamente importante para a vida da mulher. A luta feminina, oficialmente agora em seu termo mais apropriado, “feminismo”, passou a ser mais brutal. Alguns pequenos grupos começaram a reivindicar os seus direitos sociais e políticos, mobilizando diversas mulheres pelo mundo, surgindo para romper a ordem de dominação.

O movimento feminista surgiu nessa época como um movimento político e intelectual no final do século XVIII e início do século XIX. Para Miguel e Biroli (2014, p. 19), “o feminismo se definiu pela construção de uma crítica que vincula a submissão da mulher na esfera doméstica à sua exclusão da esfera pública”. O movimento começou com a luta de mulheres de classe média, conhecidas como as sufragistas, pelo direito ao voto. Defendiam o rompimento do silêncio e a luta por direitos igualitários de gênero. Já no século XX o feminismo aparece com outro perfil, mais crítico e mais militante. O movimento passou por seus altos e baixos na passagem histórica da sociedade: a conquista pelo direito à educação, ao respeito e aos direitos iguais ainda seria um processo árduo.

Vale observar que o feminismo não se debruça sobre uma questão “localizada”. As relações de gênero atravessam toda a sociedade, e seus sentidos e seus efeitos não estão restritos às mulheres. O gênero é, assim, um dos eixos centrais que organizam nossas experiências no mundo social. Onde há desigualdades que atendem a padrões de gênero, ficam definidas também as posições relativas de mulheres e de homens – ainda que o gênero não o faça isoladamente, mas numa vinculação significativa com classe, raça e sexualidade. (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 8).

Após a já mencionada Revolução Industrial, as mulheres foram inseridas no mercado de trabalho, ganhando bem menos que os homens, e exercendo cargos designados “para o gênero feminino”. Elas estavam começando a se tornar mais independentes e mais lúcidas sobre os seus direitos no contexto social. As mulheres da série, ao buscar e conquistar o primeiro emprego como telefonistas, geraram um grande avanço a essa categoria social, tentando romper um pensamento estruturado de que a mulher não poderia exercer outra função além de cuidar do seu lar.

A ideia que perdura até hoje, de que o lar é um espaço ocupado primordialmente pela mulher, responsável pelos afazeres domésticos e pela criação dos filhos, é muito antiga e, por isso mesmo, está fortemente enraizada. Ainda assim, o lar só é o espaço da mulher quando em contraposição ao espaço público, notoriamente ocupado pelo homem. Quando deslocamos essa lente apenas para o espaço privado, no âmbito das relações familiares, a mulher ainda ocupa uma posição subalterna ao homem, “o chefe da família”. (LARA *et al.*, 2016, p. 121).

Na série, o século XX estava avançando aos poucos em relação ao gênero feminino. Na época, a vida dessas mulheres ainda era injusta, e com a possibilidade de conquistar a autonomia, a esperança voltou a rodeá-las. Ao se conhecerem no trabalho, as cinco mulheres, ao longo da trama, começaram a ajudar umas às outras, tanto na vida profissional como na vida pessoal. O surgimento dessa coletividade possibilitou o desprendimento dos laços familiares mais conservadores, como de Carlota e de Angeles, na luta pelo desejo de serem livres.

É de fundamental importância ressaltar que, mesmo com os avanços de pensamento e mobilização, diversas mulheres ainda estavam em uma situação precária de aprisionamento pelo machismo e pela desigualdade de gênero. Tendo como recorte as mulheres negras e de classes mais baixas, que neste mesmo período já trabalhavam cuidando dos filhos de suas chefes e como empregadas domésticas, não precisavam mais conquistar o seu lugar no mercado de trabalho, mas, sim, recuperar a humanização, a visibilidade e o controle que lhes foram tomados.

Consideradas inferiores ao homem, a sexualidade das mulheres sempre foi objeto de controle. “Todo o pensamento ideológico, historicamente construído, nas mais diferentes épocas, sempre serviu aos mecanismos de controle do corpo

e da sexualidade da mulher”. (EMMERICK, 2007, p. 62 *apud* LARA *et al.*, 2016, p. 153).

O desenvolvimento profissional do novo trabalho possibilitou o fortalecimento dessas mulheres e o rompimento da timidez, como no caso de Marga, uma mulher que veio do interior totalmente tímida, ao se juntar ao grupo de mulheres e a começar a praticar suas habilidades na vida pública, conseguiu romper as suas limitações causadas pela condição estrutural da mulher. Alba também conquistou um grande avanço profissional, ao final da trama conseguiu romper a ideia de que as mulheres eram fadadas ao anonimato, e foi a primeira mulher da empresa a fazer um discurso sobre um grande projeto idealizado por ela.

Muitos homens não queriam ver uma mulher trabalhando e se tornando independente de sua própria vida. Para eles, o lar era o verdadeiro trabalho destinado a elas. Pensando nas configurações de classe na época, esse pensamento “atinge as mulheres de maneira mais violenta, deixando-as dependentes financeiramente dos homens, ou fazendo com que se vejam obrigadas a abraçar jornadas duplas ou triplas de trabalho para garantir o sustento da família” (LARA *et al.*, 2016, p. 221). A história de Angeles se encaixa neste contexto. Ela foi a primeira personagem a entrar no ramo de telefonista da empresa. Sentia-se feliz por poder trabalhar fazendo o que gostava, entretanto, seu marido constantemente a induzia a deixar o trabalho, argumentando que ela precisava se dedicar e cuidar mais dele e de sua filha e, portanto, do seu lar. Caso ela não fizesse esse “sacrifício” por ele, era porque não o amava de verdade.

Ao longo do casamento ele se tornou um marido extremamente abusivo, infiel e autoritário. Batia constantemente nela, e não poupava esforços para esconder as agressões até mesmo na frente de sua filha pequena. Para ir ao trabalho, ela encobria os machucados com maquiagem por medo de questionamentos. Ao longo da série, se não houvesse o apoio de suas novas amigas – Alba, Carlota, Marga e Sara –, ela continuaria vivendo subordinada a ele, presa à violência doméstica por medo, por falta de estabilidade emocional e por falta de motivação. Para Lara:

Ao contrário do que ocorre com a maior parte dos assassinatos masculinos, cometidos por desconhecidos, a maior parte das mulheres vítimas de homicídio é morta pelos homens que fazem parte de sua vida. São parceiros íntimos, familiares e amigos que, tomados por um sentimento de posse, tiram violentamente a vida das mulheres que dizem amar. (LARA *et al.*, 2016, p. 180).

Muitas mulheres viviam e ainda vivem nessa mesma situação. É evidente que “a masculinidade é construída a partir da submissão feminina” (LARA *et al.*, 2016, p. 178), e por isso, muitas delas na época se submetiam às vontades dos maridos, e se mantinham fechadas dentro do âmbito privado. As leis também favoreciam essa condição. Assim que o casamento foi regulamentado, as mulheres, até meados do século XX, não podiam se separar de seus maridos. Essa separação só poderia acontecer caso a mulher praticasse o adultério ou falecesse, entretanto, o homem tinha o direito de ter suas amantes, e a mulher não poderia questioná-lo.

O mesmo acontecia com os frutos do casamento. Caso a mulher fizesse algo considerado errado dentro da união civil ou tentasse fugir do marido para se separar dele, o filho era pertencente apenas ao homem. Para uma mulher poder trabalhar, ser escritora, tirar dinheiro de um banco – ou seja, poder possuir o que deveria ser seu por direito, algo que é nítido em um dos episódios da série – e fazer qualquer coisa que quisesse com a sua própria vida, deveria ter autorização do marido.

O sentimento de posse do homem sobre a mulher, o controle, o abuso, a culpabilização da vítima e a naturalização da violência contra a mulher têm um coeficiente em comum: o machismo enraizado na sociedade, fundada em bases culturais extremamente misóginas. (LARA *et al.*, 2016, p. 192).

Em um dos episódios da série, Alba está decidida a ajudar sua amiga a fugir do marido violento e conquistar a sua liberdade longe dele. Na tentativa de escapar durante uma festa, foi surpreendida por ele. Por sua vez, o homem, furioso por aquela situação, atirou nas duas mulheres com a sua própria arma. A ação resultou na morte de sua esposa, e Alba foi acusada em flagrante. Como na época as leis eram favoráveis aos homens, Alba foi incriminada por um crime que não cometeu. É perceptível como a maioria das relações entre homens e mulheres na época – ainda mais que hoje em dia – eram violentas e dominantes. Os homens tinham uma ideia tão enraizada de

superioridade no âmbito privado que agiam como se fossem donos das mulheres, ao ponto de violentá-las e matá-las quando quisessem. Como as leis eram feitas apenas por homens, todo privilégio era voltado a eles. Os casamentos, as relações de paternidade e também a vida pública giravam em torno dos interesses masculinos.

Mais uma representação dessa situação vemos na personagem Carlota, uma jovem mulher que morava com o seu pai, um militar muito conhecido na cidade, e que era totalmente inferiorizada por ele. Constantemente, quando ela tentava se desprender de seus laços, e ganhar um pouco mais de liberdade, apanhava dele. Essa “autoridade” apenas fortalecia o desprezo que ela sentia em relação a ele. Em decorrência dos seus maus-tratos, vivia fugindo para ir a festas e para encontros de mulheres militantes. Quando decidiu trabalhar, ele a proibiu de sair. Por estar em uma classe mais alta, alegou que a filha dele não deveria trabalhar para poder encontrar um marido que pudesse sustentá-la. Quando Carlota conseguiu o emprego de telefonista na companhia, ele fez de tudo para que ela saísse de lá. Ela, por ser uma mulher jovem e lúcida de seus direitos, brigava constantemente com sua família por liberdade sexual e financeira. Queria ser livre para viver a sua vida como desejasse. Entre as mulheres, ela foi a mais ativista do grupo, exercendo a coletividade e a proatividade de lutar por seus direitos. Porém, a independência sempre tinha um preço.

Muitas dessas mulheres perderam familiares, maridos e amigos apenas por adotar essa postura mais crítica de luta por seus direitos. Algumas já exerciam a militância em pequenos grupos e encontros. Esses grupos eram obrigados a se encontrar em lugares escondidos para não sofrer opressão política e policial. Como as mulheres ainda não tinham voz na vida política, caso o grupo fosse encontrado, as envolvidas sofriam violência e eram levadas para a cadeia. Carlota e Sara começaram a frequentar encontros femininos para falar sobre o movimento feminista e sobre sexualidade. Inclusive, a série acaba abordando questões sobre a identidade de gênero e o cenário da homofobia à época (principalmente para a medicina) porque as duas personagens iniciaram um relacionamento afetivo.

É importante ressaltar sobre o relacionamento entre Carlota e Sara para um entendimento sobre os condicionamentos da época tanto para a sociedade como, também, para a medicina. A homossexualidade naquela época – e para muitas pessoas ainda nos dias atuais –, foi considerada uma doença. Sara, ao descobrir que gostava de Carlota, começou a se questionar sobre si mesma. Percebendo que não se sentia bem com o seu próprio corpo, decidiu buscar ajuda em um hospital da cidade. Os médicos decidiram interná-la com a promessa de um profundo conhecimento pessoal. Porém, ao começar o tratamento, Sara percebeu que não era nada do que esperava. O hospital em que foi internada era uma clínica psiquiátrica, cujos procedimentos eram à base de tortura. Foi colocada em camisas de força; era obrigada a entrar em banheiras de gelo até ficar sufocada, apanhava e levava choque sem poder pedir ajuda. Todos esses atos conservadores eram feitos pelos médicos para “curar” a homossexualidade. Por fim, Sara, ao conseguir avisar Carlota sobre o que estava acontecendo, conseguiu sair daquela situação.

Enfim, todas essas atitudes de opressão em relação ao gênero feminino resultaram em grandes consequências para as mulheres. Muitas sofreram de depressão e transtornos psicológicos por causa dos assédios, violências e abusos que sofriam. Para Miguel e Biroli (2014, p. 42), “a naturalização da agressão masculina e a erotização da dominação seriam parte do cotidiano de mulheres e homens em sociedades organizadas por práticas e valores sexistas”. Como já mencionado, as mulheres foram condicionadas a esse papel de dominação, que determinava quem elas deveriam ser desde o seu nascimento, e por isso passam por uma série de comportamentos abusivos ao longo de sua vida (LARA *et al.*, 2016, p. 181).

As mulheres foram ensinadas a aceitarem condutas humilhantes por serem mulheres, tanto que a cultura do estupro existe desde antes do século XX. Muitas mulheres sofreram abusos sexuais até mesmo dentro do seu casamento. Afinal, como defende Dowling, “o assédio sexual é uma forma de violência usada contra mulheres para mantê-las em seu lugar” (2001, p. 165). É perceptível como o movimento feminista foi necessário para o rompimento de muitos padrões que foram estabelecidos desde a

cultura judaico-cristã para o desprendimento de preconceitos e para a liberdade da mulher, como também para o amadurecimento dessas mulheres de forma individual e, principalmente, coletiva.

Considerações Finais

Observando as estruturas da série *Juana Inês*, baseada no século XVII, e de *Las Chicas del Cable*, construída a partir do século XX, percebemos como as mulheres foram sujeitas às transformações de suas próprias condições sociais, tanto no âmbito familiar como no individual. Desde o século XVII, o gênero feminino não foi incentivado a chegar a sua autonomia, estando sujeitas à dominação masculina no espaço público e, principalmente, no espaço privado. As mulheres da época não tinham noção sobre os seus direitos e sobre a necessária igualdade de gênero. Foram instruídas desde pequenas a serem submissas de um homem; qualquer mulher que pensasse diferente, não obtinha o apoio necessário (nem de outras mulheres) para poder se expressar, já que a opressão, principalmente religiosa, era a base da estrutura social. Sem a possibilidade de obter informação e conhecimento por meio dos livros e de estudos, não tinham a sabedoria fundamental sobre o seus corpos, sobre as suas forças e suas habilidades; viviam a serviço das obrigações do lar e de seu pai e/ou marido. Para Dowling (2001, p. 63), “enquanto permanecermos fisicamente oprimidas, jamais poderemos ser livres”.

A partir do século XX, época da Revolução Industrial, as mulheres ficaram mais lúcidas sobre os seus direitos. Graças ao movimento feminista que surgiu em meados do século XVIII, elas conseguiram se reestruturar e romper alguns estereótipos enraizados desde o século passado. Hoje, no século XXI, após o advento das novas tecnologias, e principalmente, com as redes sociais, a mulher está tomando consciência de seus direitos de equidade em relação ao homem e, nesse sentido vem se empoderando cada vez mais. A influência da educação e do ambiente cultural em que está fez com que muitas mulheres conseguissem se ajudar de forma mais humanitária.

Por meio das redes sociais, têm a possibilidade de marcar encontros e criar grupos do movimento feministas, de expressarem os seus sentimentos e contar as suas vivências de forma mais livre e transparente. Conquistaram maiores conhecimentos sobre o seus corpos e sobre os seus direitos. Obtiveram maiores informações sobre o que se passa no mundo em geral e, o mais importante, não possuem mais medo de ajudarem umas às outras, pois o sentimento de coletividade e de empatia, ao longo dos anos, foi se fortalecendo e sendo a base primordial para as transformações sociais e culturais. Enxergamos nitidamente esse cenário na transição de representações de *Juana Inés* para *Las Chicas del Cable*, e agora mais consolidado na concretude de nosso cotidiano. A análise atual é de otimismo; mesmo que ainda muitas mulheres sofram com o machismo, com a desigualdade social e principalmente com a violência doméstica, essas barreiras estão sendo quebradas, tanto pelas redes sociais, como pelo desenvolvimento pessoal e intelectual através de livros e por meio de vivências coletivas. Desse modo, as mulheres, estão criando forças em novos lugares no âmbito social. O desenvolvimento da autoestima da mulher e o seu empoderamento nas novas formas de comunicação, tanto na publicidade, como nos audiovisuais e da valorização do feminino no capitalismo, fez com que a mulher fosse sendo mais aceita e inserida no mercado de trabalho, como também criando mais visibilidade no mercado de consumo, até mesmo na contribuição para a criação de novos conteúdos, favorecendo a mulher e dando a ela mais voz ativa para poder se impor no espaço público e privado. Não podemos deixar de lado os anos de luta que as mulheres viveram. Muitas morreram ou sofreram algum tipo de violência para chegar até aonde chegamos. A introdução da luta feminista foi se moldando e criando forças. Através dela, a coletividade se firmou, mantendo-se até hoje ativa, adequando-se às novas demandas e às novas reivindicações femininas, sempre unindo-se para lutar pelos mesmo objetivos: a conquista da equidade feminina e masculina.

Referências

ADICHIEM, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS ONLINE. **Sinônimos**. Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br/>>. Acesso em: 07 out. 2018.

DOWLING, Colette. **Complexo de cinderela**. São Paulo: Melhoramentos, 1985.

DOWLING, Colette. **O mito da fragilidade**. São Paulo: Rosas do Tempo, 2001.

FEMINICÍDIO. **Dossiê violência contra as mulheres**. Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/violencia/violencias/feminicidio/>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

GABRIEL, Ruan de Sousa. Sor Juana Inés de La Cruz, uma feminista barroca. **Época**. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/01/sor-juana-ines-de-la-cruz-uma-feminista-barroca.html>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

JUANA INÉS. 1ª temporada. México: Canal Once, 2016. 7 ep. (353 min), som dolby digital 5.1, color.

LARA, Bruna de. *et al.* **Meu amigo secreto: feminismo além das redes**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

LAS CHICAS DEL CABLE. 1ª temporada. Espanha: Bambú Producciones, 2017. 8 ep. (430 min), som dolby digital 5.1, color.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

MIGUEL, L. P.; BIROLI, F. **Feminismo e política**. São Paulo: Boitempo, 2014.

PRATEANO, Vanessa Fogaça. Juana Inês, a série “escondida” da Netflix sobre a “primeira feminista da América” que você precisa ver. **Medium**. Disponível em: <<https://medium.com/@vanessa.prateano/juana-in%C3%AAs-a-s%C3%A9rie-escondida-da-netflix-sobre-a-primeira-feminista-da-am%C3%A9rica-que-voc%C3%AA-precisa-85fc0ffe4285>>. Acesso em: 30 out. 2017.

SIGNIFICADO DE SOROR. **Ciberdúvidas**. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/soror/8612>>. Acesso em: 03 mar. 2018.

SILVA, Marilda Coelho da. O papel da mulher na história do cristianismo. **MG Cultural**. Disponível em: <<http://mgculturalpb.blogspot.com/2011/12/o-papel-da-mulher-na-historia-do.html>>. Acesso em: 05 jun. 2018.